

A representação do objeto *norma* na obra *Sociolinguística, os níveis da fala*, de Dino Preti

(The representation of the object *norm* in the book
Sociolinguística, os níveis da fala by Dino Preti)

Gil Negreiros¹

¹Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

gil.negreiros@yahoo.com.br

Abstract: The theme of this paper refers to the linguistic ideas that mark the academic production of Dino Preti. Our goal is to show how was the design of the object *norm* in the book *Sociolinguistics, levels of speech*. The book is theoretically based on the assumptions of Historiography Epistemology of Auroux (1992). This theoretical line considers language as a social fact, and it is based on the explanation and interpretation of philosophical-scientific human knowledge. There is an interest, in this theoretical framework, in the causal connections between the investigated object and others related to it, which is based on five parameters (system objects, temporal parameter, space parameter, external system parameterization that connects the objects to its context and system of interpretants). We follow, in this research, the Phenomenological Method from its four methodological moments, namely, immersion, discrimination, assignment and synthesis.

Keywords: History of Linguistic Ideas; Linguistics in Brazil; Dino Preti.

Resumo: O tema deste trabalho refere-se às ideias linguísticas que marcam a produção acadêmica de Dino Preti. Nosso objetivo é mostrar como se deu o delineamento do objeto *norma* na obra *Sociolinguística, os níveis da fala*. O trabalho se apoia, teoricamente, nos pressupostos da Historiografia Epistemológica de Auroux (1992). Essa linha teórica considera a língua como fato social e se baseia na explicação e na interpretação filosófico-científica do conhecimento humano. Há um interesse, a partir desse quadro teórico, nas ligações causais do objeto investigado com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco parâmetros (sistema de objetos, parâmetro temporal, parâmetro espacial, sistema de parametrização externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto e sistema de interpretantes). Seguimos, no processo de pesquisa, o Método Fenomenológico, a partir de seus quatro momentos metodológicos, a saber: imersão, discriminação, atribuição e síntese.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Linguística do Brasil; Dino Preti.

Introdução

A história das ciências é, atualmente, uma das áreas mais profícuas na investigação científica. Conhecer o passado, pensar a prospecção a fim de entender o presente: é essa a ideia que rege os estudos de historiografia. Contudo, mesmo diante dessa importância, os trabalhos de historiografia das ciências ocorrem de forma desequilibrada. Enquanto há uma quantidade satisfatória de discussões a respeito da história do pensamento matemático e da realidade natural, as ciências da linguagem não alcançam o mesmo nível de interesse por parte dos estudiosos (AUROUX, 2006, p. 106).

No caso específico da historiografia brasileira, dedicada ao estudo das ciências da linguagem, podemos afirmar que há muito a investigar. Como exemplo, basta remetermos aos poucos trabalhos de historiografia a respeito do pensamento e da obra de linguistas de destaque.

Também é exemplo dessas lacunas a falta de desenvolvimento de pesquisas que busquem interpretar o percurso de certos temas, como os relativos à Análise da Conversação e à Sociolinguística, no âmbito do pensamento linguístico brasileiro, embora aspectos orais e sociolinguísticos sejam temas relevantes e quase sempre presentes nas discussões acadêmico-linguísticas das últimas quatro décadas.

Nesse período, são significativas as produções acadêmicas que enfatizam a importância de um trabalho sério e científico com a oralidade e com temas ligados à Sociolinguística como, por exemplo, a variação linguística na formação escolar da sociedade.

Em consonância com essa proposta acadêmica, alguns “instrumentos linguísticos”, como livros didáticos e materiais bibliográficos de apoio ao ensino de linguagem, começaram a apresentar, em seu conteúdo, mesmo de forma pouco enfática, aspectos relativos à importância de trabalhos voltados para as questões orais e sociolinguísticas, em resposta positiva ao que estava sendo buscado pelas ciências da linguagem que, por meio de outros “instrumentos linguísticos”,¹ delineavam a oralidade e os usos da língua na sociedade como objeto de pesquisa.

Um dos pesquisadores brasileiros mais significativos de todo esse percurso é Dino Preti, autor preocupado em estudar, pesquisar e divulgar a Análise da Conversação e a Sociolinguística nos contextos de pesquisa e de ensino. Em quatro décadas, a obra de Preti sempre foi marcada pelo trabalho com esses temas, o que, possivelmente, fez com que seu pensamento fosse quase sempre reconstruído e redirecionado, de acordo com os aspectos históricos do momento de produção.

Diante disso, objetiva-se, neste trabalho, que pertence a uma pesquisa maior,² apresentar alguns resultados da investigação que propomos das ideias linguísticas e das causalidades históricas que nortearam a primeira obra de destaque de Dino Preti, que foi a adaptação, em livro, de seu trabalho de doutoramento, publicado sob o título de *Sociolinguística, os níveis da fala* (denominado, neste trabalho, pela sigla SNF). Mais especificamente, pretende-se mostrar, nesta comunicação, como se deu, a nosso ver, o delineamento do objeto *norma* na obra em xequê.

O *corpus* escolhido é a segunda edição da obra, publicada em 1974 pela Editora Nacional. No âmbito deste trabalho, serão feitas considerações sobre os três primeiros capítulos de SNF, referentes ao recorte teórico feito pelo autor: o primeiro, intitulado “A Sociolinguística e o fenômeno da *diversidade* na língua de um grupo social”; o segundo, cujo título é “A *norma* e os fatores de unificação linguística, na comunidade” e o terceiro, “A representação escrita dos *níveis de fala*”

O trabalho se apoia, teoricamente, nos pressupostos da Historiografia Epistemológica, na modalidade adotada por Auroux (1998, 2006 e 2008) e Puech (2006). Essa linha teórica considera a língua como fato social e se baseia na explicação e na interpretação filosófico-científica do conhecimento humano. Há um interesse, a partir desse quadro teórico, nas ligações causais do objeto investigado com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco parâmetros (sistema de objetos, parâmetro temporal, parâmetro espacial, sistema

1 Para mais detalhes do conceito de “instrumentos linguísticos”, consultar Auroux (1992).

2 Este trabalho é parte da pesquisa *Ideias Linguísticas na obra de Dino Preti*, desenvolvida na Universidade de São Paulo sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite. A pesquisa teve o financiamento do CNPq, órgão ao qual agradecemos.

de parametragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto e sistema de interpretantes).

Torna-se oportuno, também, afirmar que, ao desenvolver uma pesquisa sobre a história científica da obra de Dino Preti, aqui representada pela análise do objeto “norma” na obra SNF, estamos no âmbito da “História do Presente”. Dessa maneira, não só tentaremos compreender o passado próximo, mas também o momento que vivemos atualmente. Sobre isso, Chaveau e Tétard (1999, p. 15) afirmam que a história pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, não apenas um estudo do passado, mas também um estudo do presente.

Os mesmos autores também postulam que:

[...] o estudo historiográfico, metodológico e epistemológico dos tempos atuais está apenas desbravado. [...] A história do imediato e a do presente demandam uma definição mais precisa, em seu próprio funcionamento, a fim de ser melhor percebidas [sic], individualmente, e uma em relação à outra. (CHAVEAU; TÉTARD, 1999, p. 21)

Por fim, cabe lembrar que adotamos o Método Fenomenológico, que se enquadra no campo da análise qualitativa de dados, por meio de seus quatro momentos, que são:

1) imersão: leitura de todo material, com a finalidade de suspender as crenças e as opiniões, com aceitação acrítica de tudo quanto é proposto nos relatos;

2) discriminação: separação e organização dos dados a serem analisados, de acordo com o critério definido teoricamente;

3) atribuição de sentido: interpretação dos dados de acordo com suas referências teóricas e subjetivas. Trata-se de um momento de análise dissertativa e não de mera descrição;

4) síntese: mapeamento das atribuições de sentido obtidas por meio da análise dos dados, com o intuito de alcançar uma compreensão geral e superior do fenômeno pesquisado (APPOLINÁRIO, 2006, p. 167).

Filosoficamente, o Método Fenomenológico se refere ao exame da relação entre o mundo e os sentidos humanos que o experimentam. Segundo Husserl, criador do termo “fenomenologia” e um dos principais nomes desse método, o conhecimento é obtido por meio da intuição. Segundo o pensador, para experimentarmos determinada realidade, torna-se necessário destacar e separar todos os nossos pressupostos sobre ela, para que se possa detectar a “essência” dos fenômenos. Desse modo, ao suspender nosso julgamento sobre as coisas, temos acesso ao dado verdadeiro e puro e, assim, poderemos descrevê-lo como ele realmente se apresenta (APPOLINÁRIO, 2006, p. 165).

O método fenomenológico, como pertencente ao campo das análises qualitativas de dados, apresenta a possibilidade de a análise poder se iniciar até mesmo ao longo da coleta de dados. Além disso, não se buscam, por meio desse método, generalizações a respeito do tema. O que se busca é compreender um fenômeno no seu sentido mais intenso.

Conceitos de *língua* e *fala* na representação do objeto *norma* em SNF

Preti, em seu SNF, aproveitando-se das ideias de Saussure sobre “a unidade” e as “características conservadoras” da *langue*,³ chama a atenção para uma aparente contradição presente em fatos como esses: a) em uma mesma época, duas pessoas não falam da mesma maneira a língua; b) em uma mesma época, uma única pessoa não fala, em todos os momentos, da mesma maneira. Mesmo assim, com esse comportamento variante explícito, é possível afirmar que exista, no seio de uma comunidade linguística, um comportamento de manutenção de unidade:

[...] sabemos que, a partir do instante em que a comunidade aceita uma língua como meio primordial de comunicação, toda e qualquer variação lhe será prejudicial, motivo pelo qual a tendência é manter sua *unidade*, colaborando todos, consciente e inconscientemente, no sentido de sua nivelção, pois dessa maneira a compreensão será mais fácil, e a própria integração do indivíduo na cultura comum se dará com mais facilidade. (PRETI, 1974, p. 27)

Assim, ao mesmo tempo em que afirma existir uma variação “nos atos de fala”, e, conseqüentemente, que essas variações são “autorizadas” pelo sistema (pela *langue*), Preti, ao propor tal discussão, considera a “língua” como um “meio primordial de comunicação”, atribuindo-lhe a manutenção da comunidade.

Obviamente, visto sob o prisma do momento presente, poderíamos supor a existência de uma discrepância na questão, se considerarmos os conceitos saussurianos de *langue* e *parole*. É aceitável, hoje, que há diferenças entre uma língua (e os processos de mudança que nela ocorrem) e os conceitos saussurianos de sistema e de mudança linguística.⁴ Contudo, essa postura teleológica não cabe aqui. O que importa, na verdade, é detectar aspectos característicos do momento de produção da obra SNF, marcado por influências teóricas muitas vezes heterogêneas.

Preti, ao discutir a questão dos usos frente a um “sistema” ideal, postula que a força conservadora, que age a favor da uniformidade linguística, é garantida pelos *usos* linguísticos de uma comunidade, que estão a serviço da necessidade de os falantes serem compreendidos. Todos esses usos, apesar de possuírem marcas heterogêneas, são regidos por uma regra geral, coletiva. Existe, assim, uma entidade linguística ideal, imposta no inconsciente das pessoas. Essas considerações de Preti advêm do pensamento de Sapir, Bally e de Vendryès, principalmente no que se refere ao uso comunitário de uma língua. Parece-nos que esses três autores, além de serem citados na bibliografia de SNF, embasam o discurso “pretiano”, em extenso processo de heterogeneidade constitutiva, conforme pretendemos demonstrar nas próximas linhas.

A questão de uma “força conservadora tácita” pode ser considerada como uma marca enunciativa do discurso de Sapir no discurso de Preti. É naquele que este se embasa para explicar a variedade na uniformidade.

Sapir, ao discutir as diferenças entre o inglês nova-iorquino e o inglês falado pela classe média de Londres (duas formas consideradas por Sapir como dois *dialetos*), postula que “as variações individuais mínguem e desaparecem diante de certas concordâncias

3 Ver Saussure, s/d, p. 88.

4 A mudança linguística, para Saussure, é vista a partir de uma analogia entre o sistema e um “jogo de xadrez”.

maiores – como, por exemplo, na pronúncia e no vocabulário – que ressaltam com vigor quando a língua do grupo em conjunto é comparada à do outro grupo” (SAPIR, 1980, p. 119).

Dessa forma, é possível observar que Sapir defende algo maior que as liberdades individuais dos falantes, que impõe aos falantes certos limites:

Isso mostra que há uma como que entidade linguística ideal, a dominar a fala habitual dos membros de cada grupo; que o sentimento de liberdade quase irrestrita, que tem cada indivíduo ao usar a sua língua é contido por uma tácita norma diretriz. Certo indivíduo joga com essa norma de um modo que lhe é peculiar; outro atém-se ao que existe naquilo em que o primeiro mais caracteristicamente inova, mas por sua vez diverge da média geral em certos pontos que lhe são próprios; e assim por diante. (1980, p. 120)

Bally, por sua vez, que se diz fiel à distinção saussuriana entre língua e fala, acrescenta ao campo da língua um item fundamental no entendimento de sua estilística: a língua falada focalizada no seu conteúdo afetivo e subjetivo. É assim que, para Bally, a estilística se enquadra na linguística geral (1913, p. 158-9).

Um dos itens de seu conteúdo subjetivo que merece destaque é, segundo o autor, a questão do valor subjetivo que se dá aos usos da comunidade:

Uma expressão é chamada usual: 1) quando designa uma coisa ou uma ideia indissolúvelmente ligada com a vida, considerada em suas características sociais comuns a todo um grupo linguístico; 2) quando esta designação dá imediatamente a qualquer membro deste grupo linguístico, não importa qual, a impressão de que “isto se diz assim, deve-se dizer assim, foi sempre dito assim, e se dirá sempre assim”. Esta crença é, sem dúvida, pura ilusão, pois que é desmentida pela evolução constante da linguagem; mas, pelo seu valor subjetivo, é uma realidade absoluta, sem a qual a consciência de um estado da língua não seria possível. O conjunto de meios de expressão que possuem este caráter uniforme no espírito de todos os indivíduos, eis o que para nós é a língua usual. (BALLY, s/d, p. 209)

Vendryès, por seu turno, afirma que o uso linguístico não é arbitrário, mas completamente a favor dos interesses da comunidade, ideia que vem ao encontro das proposições de Bally:

Ele [o uso] é determinado sempre pelo interesse da comunidade, que, neste caso, é a necessidade de ser compreendido. Cada um se opõe, por conseguinte, sem sabê-lo e por instinto, à introdução do arbitrário no uso. Quando por parte de um indivíduo isolado se produz uma infração, é corrigida imediatamente: o ridículo castiga suficientemente o culpado, para tirar-lhe todo desejo de repeti-la. Para que uma infração ganhe força de lei, é preciso que todos os membros da comunidade estejam igualmente dispostos a cometê-la, isto é, que seja recebida como regra e, por conseguinte, deixe de ser infração. (VENDRYÈS, 1968, p. 268)

Ao se apoiar nas ideias de Bally⁵ e de Vendryès sobre o “uso linguístico em uma comunidade” para definir o fator de conservação de uma língua, Preti traz à discussão as ideias sobre *norma* de Coseriu (1967), pensador que atuou, nos dizeres de Ilari (2004), no limite entre o Estruturalismo e o “Pós-estruturalismo”:

5 Importante frisar aqui a presença das ideias de Bally no horizonte de retrospectiva de Preti. Talvez pelo envolvimento desse último com questões relacionadas ao aproveitamento dos usos linguísticos na literatura de língua portuguesa, o fato é que quase sempre é explícita, na produção de Preti, a influência do “Pai da Estilística”.

Para Coseriu, a possibilidade de delimitar uma sincronia é, até certo, uma ficção, pois a todo momento, em qualquer língua, convivem mecanismos gramaticais e recursos lexicais que são fruto de diferentes momentos da história. O velho convive com o novo, e é essa convivência de fragmentos de velhos sistemas com fragmentos de novos sistemas que caracteriza um estado de língua dado. Por isso, diz Coseriu, o linguista estará lidando o tempo todo com *pancronias*. Coseriu revisou também a oposição *língua (sistema linguístico) X fala*: entre a fala e o sistema, sugere que se considere uma instância intermediária, muito mais operacional e psicologicamente mais real que a própria língua: a norma. (ILARI, 2004, p. 81)

É justamente Coseriu o autor de uma das críticas mais construtivas a respeito da dicotomia saussuriana *langue / parole*. Coseriu afirma que “existía ‘uma identificación inicial’ entre lo que era ‘individual’ y lo que era ‘concreto’ (‘parole’), por una parte, y entre lo que era ‘social’ y lo que era ‘formal’ o ‘funcional’, por outra” (COSERIU, 1967, p. 53). A partir desse impasse, Coseriu propõe, segundo Matthews (1998), que não é o sistema (a *langue*) que se impõe ao indivíduo nos processos de mudança linguística a escolher determinado caminho, mas sim a adequação a uma norma, que são sistemas de obrigações obrigadas, de imposições sociais e culturais. Sobre isso, Matthews postula:

La solución que propone Coseriu a este conflicto consiste en reconocer dos niveles sucesivos de abstracción, en lugar de uno solo. Em el nivel superior cabe postular la existencia de un sistema. Sin embargo, no se trataría de otra cosa que de “um sistema de posibilidades”, es decir, de “coordenadas” que especifican lo que lês está permitido a lós hablantes y lo que les está vedado (“que indican caminos abiertos y caminos cerrados”, por citar literalmente a Coseriu). (MATTHEWS, 1998, p. 83)

Parece-nos que a mesma ideia é apresentada por Preti, que postula que:

A norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua de uma comunidade. É o momento em que o uso é fixado em lei linguística. A própria sociedade se encarrega de preservar a *norma*, que ela própria estabeleceu. (PRETI, 1974, p. 30-1).

É nítida a influência de Coseriu, de formação estruturalista, no pensamento de Preti, o que se dá também a partir de heterogeneidades constitutivas, como a que se observa no trecho acima, bem como em referências diretas, como em citações do autor, como no trecho que se segue, retirado da nota de rodapé 54: “*Norma* para Coseriu, em seu famoso estudo, seria ‘o que se disse e tradicionalmente se diz numa comunidade’, e compreenderia ‘só o que na fala concreta é repetição de modelos anteriores’” (COSERIU apud PRETI, 1974, p. 30).

É no pensamento de Coseriu que a ideia pretiana de *norma* ganha mais precisão, justamente no fato de o linguista romeno falar de diversas *normas*, de vários níveis e a partir de vários critérios, ideia muito próxima do ideal da Sociolinguística e daquilo que Preti necessitava no momento, ou seja, uma teoria que sustentasse a audácia de se analisar a língua falada no diálogo literário. A norma, assim, é

[...] um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade. Dentro da mesma comunidade linguística nacional e dentro do

mesmo sistema funcional podem-se comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, linguagem literária, linguagem elevada, linguagem vulgar etc.) distintas, sobretudo no que concerne ao vocabulário, mas a miúdo também nas formas gramaticais e na pronúncia. (COSERIU, 1967, p. 104)

No Quadro 1, é possível demonstrar como Preti constrói seu discurso sobre *norma*, ponto fundamental para a análise dos “níveis de fala” no discurso literário brasileiro:

Quadro 1. As representações dos objetos em SNF

Objetos	Características constitutivas
Sistema	<ul style="list-style-type: none"> - Discurso baseado em Saussure. - Domínio geral; Instituição social. Sistema abstrato de signos. - Acervo linguístico.
Norma	<ul style="list-style-type: none"> - Discurso baseado em Bally, Sapir, Vendryès e, principalmente, Coseriu. - Usos específicos autorizados pela comunidade de fala. - Representação do sistema na fala, pode ser “cultura” ou “regionais”, dependendo da aceitabilidade social. - É a realização do sistema.
Fala	<ul style="list-style-type: none"> - Discurso baseado em Saussure. - Considerada como “ato de fala”, é o uso feito a partir dos conhecimentos da norma adotada socialmente (e, indiretamente, a partir do conhecimento do sistema abstrato).
Níveis sociolinguísticos	<ul style="list-style-type: none"> - Discurso baseado nos autores da Sociolinguística Variacionista. - Ocorre no plano interindividual e são moldados a partir de elementos externos sociais, culturais, etnográficos e naturais.

A *norma* (cultura ou não, de caráter geográfico ou não), considerada como a realização do *sistema*, obviamente não se opõe ao conceito de variação dos usos linguísticos. Pelo contrário, é possível afirmar, então, em variedades dentro de uma uniformidade. A tendência unificadora normativa fragmenta-se em tendências unificadoras menores, que se diferenciam em um ou outro grau, o que cria os níveis sociolinguísticos.

Assim, fica claro, no pensamento de Preti, outro índice de seu horizonte de retrospectiva: a questão das *normas*. Esse horizonte pode ser assim descrito, tendo em vista a construção das imagens dos objetos *sistema*, *norma (s)*, *fala* e *níveis de fala*.

Quadro 2. Relação entre objetos históricos e índices do horizonte de retrospectação de Preti

Horizonte de retrospectação	Interpretantes	Objetos	Objetivos de Preti no momento histórico
Estruturalismo saussuriano	Saussure	Sistema e fala	Analisar a influência da língua falada nos diálogos literários
Estilística “linguística” francesa	Bally	Norma	
Estruturalismo linguístico norte-americano	Sapir		
“Linguística da fala” (influência de Meillet)	Vendryès		
Estruturalismo “crítico”	Coseriu		
Sociolinguística variacionista	Labov e seu grupo	Níveis de Fala	

No Quadro 2, notamos os índices, já abordados, de base estruturalista, que formam o horizonte de retrospectação de Preti discutidos neste item do trabalho. Contudo, essa heterogeneidade que constitui o horizonte de retrospectação pode ser demonstrada, também, pelo fato de que, em conjunto com essa força epistemológica estruturalista, de influência saussuriana, há uma influência do campo teórico da Sociolinguística, área de estudos vinculada ao funcionalismo.

Considerações finais

Neste trabalho, verificamos como o objeto *norma* é moldado na obra SNF. Na verdade, o conceito de *norma* resolve um problema epistemológico enfrentado por Preti no momento da junção entre a ideia de *língua* saussuriana, vista como sistema abstrato (conceito muito forte e em evidência na época de produção da obra em xeque) e a necessidade de estudo dos usos linguísticos, área de estudos de uma área científica nova para a época: a Sociolinguística variacionista laboviana.

Os teóricos que compõem o sistema de interpretantes “pretiano” também devem ser colocados em evidência. A nosso ver, a junção de teóricos de diversas escolas, como o uso de teóricos do Estruturalismo de base saussuriana, do Estruturalismo linguístico norte-americano, da Estilística francesa de caráter linguístico, da Sociolinguística Variacionista, pode ser um indício do ainda nebuloso momento histórico da linguística no contexto acadêmico brasileiro.

Esse emprego heterogêneo também se justifica pela tentativa de acertar a questão entre conceitos como *sistema*, *norma*, *fala* e *níveis de fala*, objetos às vezes tratados separadamente por teóricos de escolas diferentes.

A proposta de Preti em SNF é analisar diálogos literários sob a luz da Linguística. A nosso ver, tal proposta, no início da década de 1970, é desafiadora e dá importância à obra. Além disso, o livro também pode ser considerado como um “ponto de encontro” de diversas tendências teóricas, todas pertencentes à mesma época e que moldaram os horizontes de retrospectação dos trabalhos da Linguística do Brasil na época.

Torna-se evidente, também, como se dão o resgate e a reconstrução de certas ideias linguísticas em diferentes tempos e espaços na Linguística, aspecto nuclear nos horizontes de retrospectiva dos sujeitos-pesquisadores. Resgatar o passado das ciências, assim, é uma forma de entendê-las não só no ontem, mas principalmente no hoje e promovê-las na prospecção. Comungamos das ideias de Auroux (2006, p. 16), que, ao falar sobre essas tarefas da historiografia das ciências, afirma que uma ciência sem passado torna-se uma ciência morta. E os mortos não possuem futuro.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. *Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2006.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

_____. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

_____. Les méthodes d'historicisation. In: *Histoire, Epistemologie, Langage*. Université Paris VII, Tome XXVIII, Fasc. 1, 2006. p. 105-106.

_____. *A questão da origem das línguas*. Campinas: RG, 2008.

BALLY, C. *Le langage et la vie*. Genebra: Droz, 1913. [*Em lenguaje y la vida*. Buenos Aires: Losada]

_____. *Traité de Stylistique Française*. Genebra: Librairie George & Cie., s/d.

CASTILHO, A. T. Apresentação. In: PRETI, D. *Sociolinguística, os níveis da fala*. São Paulo: Nacional, 1974.

CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y Lingüística General*. Madrid: Gredos, 1967.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

MATTHEWS, P. *Breve história de la linguistic structural*. Madrid: Akal, 2009.

PRETI, D. *Sociolinguística, os níveis da fala*. São Paulo: Nacional, 1974.

PUECH, C. Pour une histoire de la linguistique dans l'histoire de la Linguistique? In: *Histoire, Epistemologie, Langage*. Université Paris VII, Tome XXVIII, Fasc. 1, 2006. p. 9-24.

SAPIR, E. *A linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, s/d.

VENDRYÈS, J. *Le langage*. Paris: Albin Michel, 1968.